

Voltar atrás para quê?

Este é um dos títulos mais conhecidos da escritora e pedagoga Irene Lisboa, nascida no concelho de Arruda dos Vinhos em 1892, e a desassossegada interrogação que serve de mote ao itinerário literário que se propõe, a fim de assinalarmos o 130.º aniversário do seu nascimento.

Irene Lisboa é, sem dúvida, a maior referência literária deste particular território. Promover e divulgar um vasto e original legado como o seu – reconhecido o seu lugar no cânone literário português –, deve assumir-se como um desígnio da terra que a viu nascer.

Esta Rota Literária tem por base uma seleção de excertos de alguns dos seus títulos, com especial enfoque na novela *Voltar atrás para quê?*, uma das que contém “o essencial do núcleo autobiográfico de Irene Lisboa.”

Com efeito, esta seleção pretende (re)criar elos adormecidos com o *genius loci* das suas origens: conduzidos/conduzindo-nos pela infância, pela adolescência e até pelas suas incursões – na plenitude da idade adulta –, procurando-se, em paralelo, despertar – através das suas palavras –, para as particularidades desses locais, das suas gentes, das suas tradições, numa espécie de viagem pela omnisciência desta *narradora/personagem*.

Partir de Arranhó – a freguesia do seu nascimento, através do contacto próximo com objetos e memórias da sua vida – ou de Arruda dos Vinhos – a sede do concelho da sua naturalidade, mais concretamente a biblioteca que tem o seu nome –, ou deambulando ainda, aqui e ali, pelas terras vizinhas de Sobral de Monte Agraço, constituirá certamente uma experiência única, pisando terras, absorvendo aromas, engolindo horizontes, registando diferentes formas e colorações, tudo afinal tão próximo e tão distante das impressões registadas pela escritora nos diferentes tempos e lugares.

Afinal, o princípio e o fim, como em súbito e inocente assombro, “juntam-se, procuram-se (...). Até parece que o fim se alimenta do princípio, que a vida se lhe sobrepõe, o ilumina, o traz sujeito”.

Voltar atrás para quê? Para melhor conhecer – na sua terra – certos lugares íntimos – sofridos tantas vezes – de um dos nomes maiores da literatura portuguesa contemporânea.

Paulo Câmara



i Posto Turismo

Centro Cultural do Morgado, Arruda dos Vinhos

Tel.: 263 977 035

turismo@cm-arruda.pt

terça a sexta-feira: 9h00 às 12h30 | 14h00 às 17h30

sábado e domingo: 10h00 às 13h00 | 14h00 às 18h00

Encerra à segunda-feira e feriados

i Biblioteca Municipal Irene Lisboa

Centro Cultural do Morgado, Arruda dos Vinhos

Rua Cândido dos Reis, n.º 69

2630-233 Arruda dos Vinhos

Tel.: 263 977 008

biblioteca@cm-arruda.pt

VISITA GUIADA

10 de dezembro 2022

10h00 às 12h00

Inscrições no Serviço Educativo de Cultural

Tel.: 263 116 502

servicoeducativo@cm-arruda.pt

Ponto de encontro: Biblioteca Municipal Irene Lisboa (transporte em autocarro municipal)



www.cm-arruda.pt



novembro 2022

Irene Lisboa



ROTA LITERÁRIA IRENE LISBOA

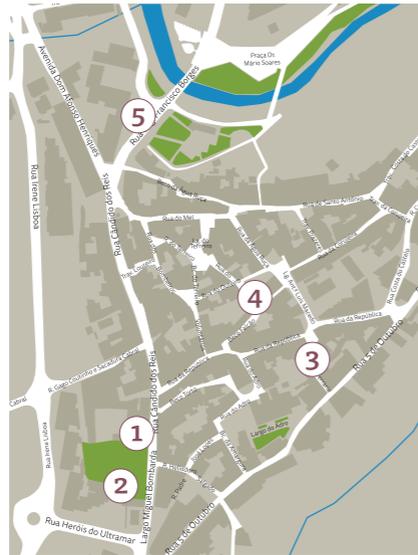
Voltar atrás para quê?

ARRUDA DOS VINHOS

PATRIMÓNIO LITERÁRIO

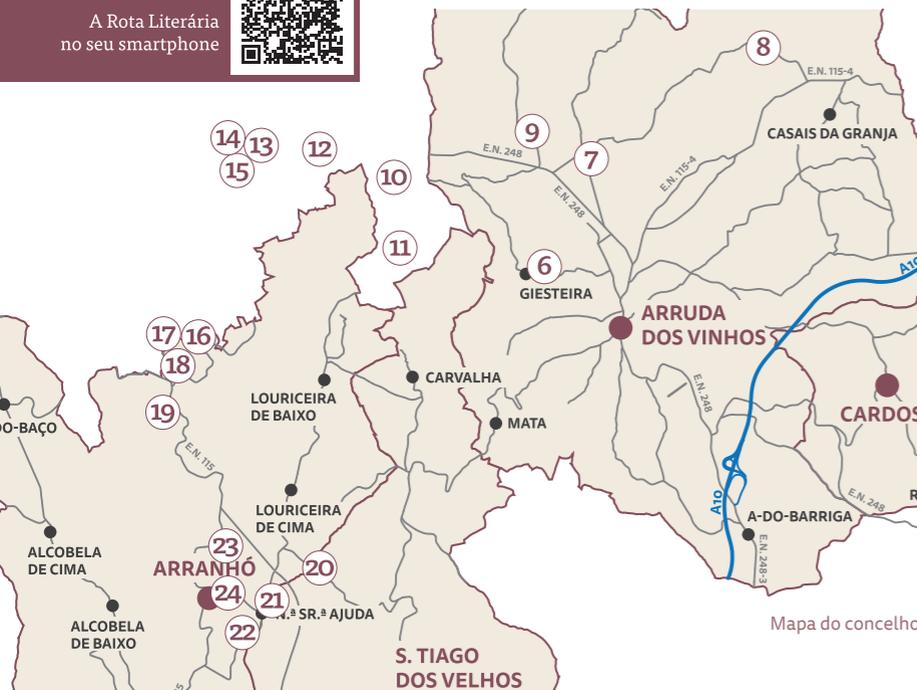
- 1 Biblioteca Municipal Irene Lisboa
- 2 Jardim do Morgado
- 3 Cascatas
- 4 Centro histórico
- 5 Busto de Irene Lisboa
- 6 Giesteira
- 7 Quinta de S. João
- 8 Estrada do Lugar da Serra
- 9 Quinta da Tojeira
- 10 Vista sobre a Quinta da Chapinheira
- 11 Casal dos Mochos
- 12 Quinta do Pátio da Vila
- 13 14 15 Quinta de Monfalim
- 16 17 18 Quinta da Murzinheira
- 19 Moinho Velho
- 20 Cruzamento para Louriceira de Cima

- 21 Monumento a Nossa Senhora da Ajuda
- 22 Santuário de Nossa Senhora da Ajuda
- 23 Largo da Igreja Paroquial de S. Lourenço, Arranhó
- 24 Junta de Freguesia de Arranhó



Mapa de Arruda dos Vinhos

A Rota Literária
no seu smartphone



Mapa do concelho

IRENE LISBOA nasceu na Quinta da Murzinheira, freguesia de Arranhó e concelho de Arruda dos Vinhos, no dia 25 de dezembro de 1892.

Estudou em colégios e num liceu de Lisboa, onde tirou o magistério primário. Viveu em Lisboa com a madrinha e passava férias na Quinta de Monfalim, concelho de Sobral de Monte Agraço, onde morava o pai e a sua família. Depois do casamento do pai deixou de ir à Quinta. Estudou na Bélgica, França e Suíça tendo-se especializado em pedagogia.

Trabalhou como professora do ensino pré-primário, mais tarde foi inspetora orientadora de ensino e passou a funcionária administrativa do Instituto para a Alta Cultura. Reformou-se aos 48 anos.

A escrita dominou toda a sua vida. Escreveu sobre pedagogia e livros para crianças e adultos. Morreu a 25 de novembro de 1958. A um mês de completar 66 anos de idade.

“A quinta, para as minhas vistas de criança, parecia-me uma coisa de grande beleza e importância. Creio que me dava vaidade ver o meu pai pagar aos homens do trabalho... Um homem só a distribuir tanto dinheiro! De umas vezes, infinidade de montinhos de cobre, alinhados numa mesa, de outras, distribuídos no pátio, à vez. A jorna de um homem eram doze vinténs e os saloios desbarretavam-se para a receber. Impressionavam-me também as multidões de pobres que se juntavam no pátio com sacos e alforjes velhos, no dia do pão por Deus. Ainda havia os honestos presentes de lenços, casaquinhos e aventais, café e outros géneros, que a madrinha levava sempre de Lisboa para as suas protegidas. Tudo isto representava para mim mundo e dependência, grandeza!”

Começa uma vida, p.36

“Arruda em baixo, a meia légua de distância, estendia-se para a direita e para a esquerda, branca e plana. E a toda a roda vinhas, que iam subindo. No alto das serras os moinhos. E alvejando pelos carrapitos e pelas baixas os casais e os lugares.”

Apontamentos, p.173



“Não nascera em berço de ouro, como as princesas, mas fora menina, servida... e depois? Tornara-se mais pobre que as rapariguinhas que andavam pelas portas ao pão-por-Deus. Não tinha pai nem mãe, nem tinha quem a amasse, quem a vestisse, quem a endomingasse, como as outras raparigas; era uma pária. Pária! Palavra de que começou a entender o sentido por antecipação. Nem reais patos tinha para se entreter. Um único bem possuía, o da imaginação. A imaginação, o céu e o campo... Uma grande tela onde, afinal, pintava sem precisar de tintas.”

Voltar atrás para quê?, p.60

“No dia da Senhora da Ajuda foi tudo à festa. Estava-se passando o dia no casal onde ela, que tudo isto agora repisava, nascera; e era Verão. Um Verão quente, com o restolho do chão crestado e o ar trémulo.

Partiu o *break* e o *coupé* também, cheios. Jóia, radiosa, antecipava a folia. Porém, ela ficou. Resistiu aos convites e às troças. Ainda conservava a coragem de uma oposição birrenta, orgulhosa.

Deixou-se ficar sozinha, amuada, na sala de canapé e cadeiras de palhinha, com jardineira ao meio. Ainda do tempo de sua mãe (...).

Longo tempo se passou. Por fim, ela ergueu-se do canapé, onde se tinha sentado, e foi-se encostar à janela. O sítio era e ainda será desamparado. Uma vinha baixa ao fundo e cabeços sem horizonte à frente, cobertos de mato. Tudo seco, ou assim lhe parecia, áspero.”

Voltar atrás para quê?, p.47

“Uma procissão é afinal um acto grave, lento e doloroso! Na Arruda, como a procissão saísse pelo entardecer e as ruas fossem estreitas, a multidão soturna e recolhida, subindo devagar, ainda me impressionava mais. Porém, a nota do sacrifício eram sempre as crianças que a davam: ou que fosse do seu vestuário emblemático, ou dos seus movimentos incertos, ou da sua própria inocência, que nos apieda de cada vez que é posta em relevo. Na Ajuda, o mesmo... Por fim o andor da Senhora, que era o primeiro começou a apontar. Transportavam-no quatro irmãos, à vara, mas por baixo dele, meio dobradas, iam mulheres em feixe, descalças. Isto é, só com meias... Após o andor seguiam assim mais. Porque não iriam elas verdadeiramente descalças? Eram um truque feito à Senhora... Seria por pudor? Realmente, o saloio nunca mostra os pés!”

Apontamentos, p.165

